

**Lucas
Fontes**

**Pensamentos
Quebrados,
Uma Mente
em Declínio**



Lucas Fontes

Pensamentos Quebrados,
Uma Mente em Declínio

CONSELHO DIRETOR

Antônio Luiz da Silva Laginestra
Presidente

Jorge Farah
Vice-Presidente

Luiz Fernando da Silva
Secretário

José Luiz da Rosa Ponte
Kival Simão Arbex
Paulo Cezar Wiertz Cordeiro
Wilson José Fernando Vianna Pedrosa
Vogais

Luis Eduardo Possidente Tostes
Diretor Geral

CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS – Unifeso

Antônio Luiz da Silva Laginestra
Chanceler

Verônica Santos Albuquerque
Reitora

Roberta Montelo Amaral
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Edenise da Silva Antas
Diretora de Educação a Distância

Mariana Beatriz Arcuri
Diretora do Centro de Ciências da Saúde

Vivian Telles Paim
Diretora do Centro de Ciências e Tecnologia

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel
Diretor de Educação a Distância

Michele Mendes Hiath Silva
Diretoria de Planejamento

Solange Soares Diaz Horta
Diretoria Administrativa

Rosane Rodrigues Costa
Diretoria Geral do Hospital das Clínicas de Teresópolis Costantino Ottaviano

Roberta Franco de Moura Monteiro
Diretoria do Centro Educacional Serra dos Órgãos

Copyright© 2024
Direitos adquiridos para esta edição pela Editora UNIFESO

EDITORA UNIFESO

Comitê Executivo

Roberta Montelo Amaral (Presidente)
Anderson Marques Duarte (Coordenador Editorial) Valter
Luiz da Conceição Gonçalves

Conselho Editorial e Deliberativo

Edenise Silva Antas
Roberta Montelo Amaral
Mariana Beatriz Arcuri
Verônica dos Santos Albuquerque
Vivian Telles Paim

Assistente Editorial

Matheus Moreira Nogueira

Formatação

Lucas Fontes

Capa

Olívia Stenzel

Organização

Luiz Felipe Brandão Augusto
Lucas Fontes

Revisão

Luiz Felipe Brandão Augusto

F766 Fontes, Lucas.

Pensamentos quebrados, uma mente em declínio / Lucas Fontes. – Teresópolis,
RJ: Editora UNIFESO, 2024.
120 p.

ISBN: 978-65-87357-66-9

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD B869.1

EDITORA UNIFESO

Avenida Alberto Torres, nº 111

Alto - Teresópolis - RJ - CEP: 25.964-004

Telefone: (21) 2641-7184

E-mail: editora@unifeso.edu.br

Endereço Eletrônico: <http://www.unifeso.edu.br/editora/index.php>

Agradecimentos:

*Sou grato a todos que me deram força,
incentivaram, apoiaram e me inspiraram.*

*Sou grato a todos os autores que muito me
ensinaram, mesmo que pouco aprendi.*

*Agradeço aos leitores, a todos que regozijaram e
aos que odiaram, a todos que comentam, com seus
meios compartilham e divulgam, aos que apreciam
e amam à poesia.*

Prefácio

Uma boa rima está sempre no imaginário do leitor, e quando arrebatada é certa: o sublime poético. Lucas Fontes sabe disso e nos encanta com tantas rimas ricas, instigantes, surpreendentes que circulam em um universo onírico inesgotável de ondas, mares e sóis. Seus poemas são unidades que nos transportam para cantos profundos da alma, como somente um estudioso da psiquê humana pode conceber. No espanto e na impermanência na qual a vida se mostra, sentimo-nos pertencentes inteiramente a ela já que *viver é descobrir em cada experiência a magia da existência*. Mesmo em um átimo, em um instante efêmero esconde-se tanta intensidade de vida.

Vemos aqui, também, um poeta que opera habilmente as palavras como quem escreve preciosas melodias. A partir da repetição enfática de estrofes, de algumas páginas parecem sair músicas viscerais, aproximando-nos assim da poética dionisíaca e catártica do Lagarto-Rei, Jim Morrison.

E no enlace de toda esta obra temos o elemento primordial – Ah! O amor. *O amor é perseverante*, como nos ensina o coração do apaixonado autor. E segue: *o amor é algo imensurável...*

Luiz F. B. Augusto – poeta e músico

“Não lemos e escrevemos poesia porque é bonitinho. Lemos e escrevemos poesia porque somos membros da raça humana. E a raça humana é cheia de paixão. Medicina, direito, administração, engenharia são atividades nobres. Mas poesia, a beleza, o romance, o amor são as coisas pelas quais vale a pena viver”, diz John Keating, o professor de literatura inglesa vivido pelo saudoso Robin Williams em Sociedade dos Poetas Mortos.

Erros do Pretérito

Nos meandros de um inferno cotidiano,
Em que teu olhar se esquivava do meu,
Saudade forte, genuína, é o pano
Que cobre a alma, onde habita o adeus.

Não me reduzas a erros do pretérito,
Pois as mudanças traçam meu caminhar.
Tempo levou, mas mudei meu rito,
Agora clamo por um novo acertar.

Se voltasse, trilharia certo trajeto,
Passaria por infernos sem recuar,
Somente para em tuas mãos, inquieto,
Reencontrar o amor, o pulsar a palpitar.

Pessoas evoluem, transformam-se em sinais,
Pedem chance para o renascer dos laços,
Por entre infernos, busco portais,
Para em teus olhos refazer seus abraços.

Eco dos sonhos

No silêncio das noites em mar revolto,
O eco dos sonhos vagueia solto,
Entre constelações e estrelas a brilhar,
Cintilam memórias no céu a se entrelaçar.

Na dança das ondas, segredos se contam,
Histórias perdidas que as marés não desmontam,
Em cada espuma, um verso a flutuar,
No balanço do mar, a solidão a se dissipar.

Neste jardim de mistérios e anseios sutis,
Desabrocham poesias, versos mil,
No vaivém das marés, encontros e adeus,
A vida se tece entre suspiros e breus.

Entre espinhos e flores, o tempo passa,
Caminhos percorridos, cada marca trespassa,
Mas no presente, a alma se faz resiliente,
Diante do futuro incerto, persistente.

Assim, na sinfonia do tempo a ecoar,
Cada batida do coração a pulsar,
Na serenidade do mar e na dança das estrelas,
A vida se revela em suas mais belas sendas.

No silêncio das noites, ecoam segredos,
Nas ondas do mar, flutuam enredos,
E neste jardim onde a vida se entrelaça,
Floresce efêmera e terna a esperança.

Cântico de alma

Sorte, a compreendi quando lhe conheci.
Ao regozijar os dias sob seu olhar,
Estando à deriva de seu amar.
Frente céu e terra quando seu mar se agitar.
Sob o gélido luar,
Com ondas fortes a arrematar.

Sob serenos dias
E o sol a desabrochar.
Prometo-lhe minha vela e apenas nele desbravar.
A vida pulsante ganha forma nas ruas,
E na janela, a alma se desnuda, nua.

O amor é um presente, uma sinfonia,
Que preenche os corações de melodia.
O passado, as dores e receios
Serão histórias,
Não mais lhe causarão
medo.

Você é como um cântico de alma,
Que faz tudo se tornar mais calmo.
Seu sorriso é como um elo
Que nos envolve em amor e paz,
E nem mesmo o sofrimento é capaz
De apagar a luz que há em seu olhar.

Você mora na esquina da minha memória,
No mais profundo do meu olhar,
Em um lugar onde só os amantes vão,
E onde o amor nunca pode morrer em vão.

Coração Solitário

Nenhum senão o coração solitário
Pode compreender minha tristeza
Longe e apartado, sinto-me agora
Da alegria e da felicidade, a incerteza.

O arco infinito do céu avisto
Estendido sobre mim a brilhar
Oh, distância imensa, triste conquisto.
Para quem ama, a dor a me assolar.

Nenhum senão o coração solitário
Pode compreender minha tristeza.
Longe e apartado, distante do brilho
Da alegria e da felicidade, a fraqueza.

Sozinho e distante. Oh! Cruel sina
Da alegria e do prazer, privação
Meus sentidos falham, a dor domina
Um fogo devorador, solidão.

Nenhum senão o coração solitário
Pode compreender minha tristeza
Longe e apartado, ansiando o conforto
Da alegria e da felicidade, a natureza.

Nos confins da solidão, vagueio
Perdido em lamentos e saudade
O eco do vazio, cruel enleio
Nenhum senão o coração, a verdade.

Noite após noite, a alma solitária
Clama por alento, por algum calor.
Neste silêncio, a melodia amargurada.
Nenhum senão o coração, meu senhor.

Assim, neste mundo de desamparo
Vaga minha alma, triste e só.
Nenhum senão o coração, reparo
Da minha dor, silenciosa voz.

Um sonho em vão

Preciso tanto desse amor, não nego,
Te amo tão intensamente, não entrego,
Mas sei que não tenho nenhuma oportunidade,
De estar ao teu lado, é uma realidade.

Pensei que enfim havia te encontrado,
Mas outros amores te têm cercado,
E não há ilusão, somente a verdade,
Que não tenho chance, na realidade.

Se por acaso te entregasses a esse sentimento,
Por um beijo terno, um momento,
Talvez descobrisses que era eu, sim,
O amante certo para ti, enfim.

Mas para que sonhar se é em vão?
Sei que é um devaneio, essa paixão,
Pois não tenho a mínima chance, entendo,
De estar contigo, é um sonho que suspendo.

Como um Pato

No eco do silêncio noturno,
Os suspiros se entrelaçam, taciturno,
Em dança efêmera, como o luar que abraça,
Um amor que se desfaz, enquanto a alma embarça.

Entre sombras do tempo e da saudade,
Palavras não ditas, em sua fugacidade,
O amor, uma sinfonia em seu movimento,
Te amo como um pato, patodavida, no pensamento.

Entre o brilho das estrelas na penumbra,
Nasce um sentimento que nunca deslumbra,
Um amor que se estende sem medida,
Te amo como um pato, patodavida, minha querida.

No palco do céu, a lua sorri serena,
E o amor se revela, história pequena,
Mas intensa como o brilho de uma estrela guia,
Te amo como um pato, patodavida, minha alegria.

É como se cada suspiro fosse um refrão,
Um eco do amor, uma doce canção,
Neste universo vasto de idas e vindas,
Te amo como um pato, patodavida, nas linhas lindas.

Frestas e janelas

Em cada fresta há uma história,
Em cada janela, uma vida almejada.
Frente à cidade, lembranças marcadas.

Permeio ruas em desespero,
Às luzes de cada poste
Guiam-me ao naufrágio,
Estes faróis, que de bom grado,
Assolam os navios que por estes perpassam.

Grandes cidades e pequenas construções,
Edificantes janelas e seus míseros espaços ocupados.

A janela, ainda que vazia, é uma moldura,
Para um mundo além, cheio de ternura.
No reflexo do vidro, vislumbra-se o horizonte,
Onde novos encontros e sonhos podem surgir, a fonte.

Rabiscos

Em páginas em branco
Esculpimos um sonho,
Com livros prontos
Emassamos os encantos.

Do rascunho ao ponto final, nossa história
Deixou de ser real.
Longas as noites,
Sem sentido os dias,
Um certo desespero,
Enquanto desfazemos afagos, afinal.

Dos cantos do luar
Aos suspiros diurnos,
Me entrelaço nesta vida sem rumo, esforço-me
Para esquecer nossos rabiscos juntos.

Confesso, nenhum livro irá superar o que por nós dois foi escrito.

Margens dos Dias Passados

Nas entrelinhas do destino,
Traçamos um caminho único,
Nas bordas de cada momento,
Escrevemos um conto lúdico.

Das palavras não ditas,
Às linhas que se perderam,
Nossa história ganhou vida,
Mas agora, desvaneceram.

Em páginas em branco,
Ainda ecoa nossa canção,
Nas margens dos dias passados,
Persiste nossa emoção.

Do rascunho ao ponto final,
Um enredo se desfez,
Deixando na penumbra,
O que um dia foi nossa vez.
À luz das memórias,
E ao calor dos abraços,
Me afundo na saudade,
Dos nossos antigos traços.

Confesso, nenhum livro,
Poderá recontar,
O enigma que éramos juntos,
No mundo do nosso olhar.

Recantos da Alma

Nos recantos da alma, a escuridão se esvai,
Como T.S. Eliot, buscando redenção,
O amor ressurgue, um novo raiar de um novo dia,
Emerge como o sol após a escuridão.

Tchaikovsky ecoa na sinfonia do coração,
Transformando a tristeza em melodia serena,
O amor, uma dança de redenção,
Curando as feridas, trazendo a cura.

No palco da vida, a música se expande,
O amor, um cântico de esperança renovada,
Como um poema de T.S. Eliot, onde se bande
A redenção no amor, a jornada abençoada.

Traço

No jardim da existência, florescem versos,
Entre espinhos, poesias sem reversos,
Cores dançam na brisa, universos,
A vida desabrocha em mil aversos.

No traço do tempo, o passado se entrelaça,
Caminhos percorridos, história que embaraça,
Mas no presente, a alma se reergue e abraça.
O futuro incerto, mas a esperança não se esvai, não passa.

Doce engano

A liberdade é um doce engano,
Sonhamos com as asas do vento,
Mas nem sempre é o que esperamos,
Nem tudo é tão claro e isento.

A felicidade se promete,
Quando podemos fazer o que bem quisermos,
Mas fora das grades do lar,
A tristeza muitas vezes é o que sobrar.

As noites com amigos e bebidas,
Parecem ótimas para esquecer,
Mas no fundo apenas iludimos,
Um vazio difícil de preencher.

Os sorrisos falsos que compartilhamos,
São máscaras que escondem a dor,
A verdadeira felicidade,
Não está nas aparências, mas no amor.

Não se deixe enganar pelas luzes,
Que prometem libertação e alegria,
A verdadeira liberdade,
Está na paz e no amor que fazem
O coração bater de alegria.

Ipoméia Rubra

Os risos enunciam as espumas,
O corpo ondula as ondas, minha vida.
O sibilar marítimo toma conta.

Ante a penumbra solar
De seus olhares, minha cara.
Ao dançar caduco das areias.
Como Ipoméia Rubra
Nas treliças de seu andar,
Enleio-me em seus passeios.

Cheirinho de Café

Sóis tardios,
Feiras ao ar livre,
O inquieto silêncio do vendedor,
Clientes falantes,
Mmm! Pastel cheiroso
Como quem vive de gozo.

Fumaças a dançar
Ao pôr mais uma xícara de chá.
Biscoitos a morder
Quando do café bebericar.

Tarde singela, beleza terna
Um suave balançar.
Onomatopeias me cercam
Até nas férias,
Quando na rede
Venho a me deleitar.

Ah, o amor!

No fim da estrada, um novo começo...
Aceitando os erros, deixando para trás.
Transformando a dor em aprendizado
E deixando o amor florescer em paz.

A mudança vem de dentro
À medida que aceitamos quem somos
E nos permitimos ser vulneráveis
Nos tornando mais fortes como um dom.

Cada dia uma nova chance,
Para nos esforçarmos e aprimorar.
Deixando para trás o passado
E buscando um futuro melhorar.

E o amor, ah, o amor!
A força que nos sustenta
Nos momentos difíceis da vida
E quando tudo parece decadente.

Assim, seguimos em frente
Com amor, mudança, aceitação e recomeço
Sabendo que, mesmo em meio às dificuldades
Nunca estamos sozinhos, está tudo bem, eu confesso.

Lilith

Lilith, a gata preta arisca,
Com seus olhos verdes e sua pelagem lisa,
É medrosa, mas amável e amigável,
E quando nos permite um afago, é irresistível.

Ela se esconde debaixo da cama,
Mas quando sente o cheiro da comida, se ama,
E corre para a cozinha, com seu jeito atrevido,
Para saborear seu petisco preferido.

Lilith, a gata preta brincalhona,
Que derrete o coração com sua meiguice dona,
Adora perseguir brinquedos pelo chão,
E nos fazer companhia, como se fosse um irmão.

E mesmo que seja difícil conquistá-la,
Quando ganhamos seu amor, é para nunca mais deixá-la,
Lilith, a gata preta adorável,
Que nos ensina que o amor é algo imensurável.

Ozzy

Ozzy, o gato preto destemido,
Aventureiro, brincalhão e carinhoso,
Seus olhos amarelos e seus pelos macios,
Nos fazem sentir em casa, em um abraço gostoso.

Ele se joga no colo, carente de afeto,
E se estica na cama, se fazendo de esperto,
Mas seu coração é puro e sincero,
E seu ronronar é um carinho verdadeiro.

Ozzy, o gato preto corajoso,
Não tem medo de nada, é valente e amoroso,
E mesmo quando está brincando de caçar,
Sempre volta ao nosso lado, para se aninhar.

Amassos e afagos

Entre amassos e afagos,
Destrezas e incertezas, meu mundo gira.

Do céu que por mera ilusão se mostra azul,
Ao infinito mar que muitos iludiu
Quando no horizonte se exibiu.

No incerto, é certo seu mistério!

O prazer que se explicita no contraste
Com o desconhecer, abrange o doce sabor do saber.

Idônea Vida

Há devir suspiros taciturnos,
Olhares fugazes, compadre.
Haverá banquetes aos prantos,
Um rei sem montantes,
E, ah! A cantiga.
Oh! Doce sina da saudade, meu caro.

Hei de trazer montes uivantes,
Bosques inquietantes, amigo,
Alcançar-lhe-ei o fuxico
Dos desfiladeiros.

Faltará a ti apenas um,
Um cântico que lhe enuncio, irmão.
Vos trago o vagão dos sonhos,
Um moinho errante.

Acalma-te a alma, desnuda.
Amável viajante,
Regozizar-te-ei com a vista,
Semblantes peculiares.

Oh! Afável mata,
Cuida-te, pois, esta mata.
Resguardo-te, companheiro meu,
Há devir trilhas afonte,
Matagal em montes.

Resguardo-te, companheiro meu,
A vivaz fonte,
Uma vida abundante.

Deserto

A existente inexistência me fascina
Como um novo dia que ensina...
Sob a luz da mente
Percebo a semente
Sendo uma mera pretendente,
Mas com o seu crescer eminente.
O ardente deserto de minha mente,
Mente ao negar o inexistente.

Arquiteto

Teto com seu requinte estético,
Sua parede à mercê de seu servente,
O estrago que de um buraco se fez um quadro,
Estagnado quando os passos até o quarto
Mostraram-se quase um fardo!

Andarilho de seu próprio trilho,
Onde nem o trem que por seus pés lhe convém.

Sua esquina que como cozinha,
Mostra a trilha da comida,
Mas engraçado que sem bebida
A torna sem vida...

Rir para não chorar,
Quando à mercê da escada
Rola mais um que a você cedeu!

A mera estria que por fim
Marca seu ponto de viver.

Coração Invernal

Inverno é frio, é cinza, é escuridão
Poucas palavras descrevem sua condição
A neve cai como um manto, tão silenciosamente
Envolvendo a terra, num abraço frio e urgente.

E o indivíduo, mal pode esperar pelo sol
Pois dentro dele, um anseio despertou
Um coração pulsante, que anseia pelo calor
E a inquietude que vai, cada vez mais aumentou.

E no frio, se fortalece o medo noturno
A solidão magnifica os pensamentos mais obscuros
Noite após noite, um coração pesado
Esperando pelo amanhecer, que há tanto é aguardado.

Mas o sol logo vem, como um sonho de verão
Cores quentes, por toda a natureza
E o coração e alma individuais, encontram uma nova razão,
A fim de superar a dureza, a escuridão e a frieza.

Ouve-se Pleno

Doce prazer este de te ver!
Um bom dia nada muda,
Mas ao acordar ao seu lado,
Vejo-me incapaz de querer voltar atrás,
Onde nunca ecoou o mais belo dos cânticos
E reinou a mais solitária das manhãs.

Uma linda manhã se mostrará,
Com sol ou chuva ainda brilhará
Meus olhos, por te ver despertar!

Calmo e sereno como um dia ao relento,
É o canto que de longe ouve-se pleno.
Dizem que a primeira coisa que se esquece é a voz,
Mas engraçado como a tua ecoa como uma canção
Que não se esvai, nem por lesão!

A doce brisa do amor voltará a ecoar,
Quando novamente encontrar tua voz ao acordar.

Jaz aqui...

Não, não quero fazer com a idade.
Não me limitarei em velhos padrões.
Não serei mero reflexo de outras gerações,
Pois ainda sinto a força da minha mocidade.

Não é a idade, que ditara as minhas escolhas,
Definirá meus desejos ou meu futuro.
Carrego a vida em minha bagagem, e seguro
A energia que me motivará por muitas folhas

É verdade: os anos envelhecem o corpo,
Mas serão eles que me farão dormir em vida?
Persegurei cada sonho com paixão e fervor,
Pois a juventude está ao alcance..., do nosso ser interno.

Então, mais vibrante, viveremos sempre na estrada,
Não será a idade que nos fará cair em decadência
Ainda competentes, renovados, em busca do novo
E que a vida reflita, todo o brilho da nossa existência.

Busca

O norte do meu voo
É guiado pelas luzes abaixo,
Mas censuro meu olhar ao perceber
O quão escuro o céu se tornou.

Nas noites de desespero,
Busquei pelo amor, e
Fui levado pelos ventos do sul
Com um certo louvor...

Quando caminhava em pé
Pelos caminhos terrestres,
As estrelas me conduziam,
Como em aventuras de criança
E a bússola da esperança.

Talvez de longe não se perceba
A distância, mas
Quando vagueio sem luz
Na ausência das sombras,
Arrepi-me até o calor na busca,
Na busca pela experiência viva.

Desertor

Em noites perdidas e
Dias de achados,
Navego no meu deserto,
Como um desertor em busca
De um recomeço.

Em terras estranhas,
Camas vazias, cobertas de prantos,
Então ergo minha bandeira branca.
Ao longo dos gritos silenciosos,
Encontro minha tão esperada
Esperança.

Nas noites estreladas,
Estradas vazias,
A névoa se dissipa.
Fixo os olhos no céu
E minha alma grita.

Foram estranhos os dias
Quando procurei muito e não encontrei,
Mas tristes aqueles em que
Não procurei e encontrei uma estrela.

Por fim, percebi
O que por muito tempo não vi,
Não busco camas quentes e
Lençóis frios, pois esses abrigos
Não abrigam o norte que me pertence.

Amparar-me-ei pelas estrelas
Para sobreviver na falta delas,
Ou
Aproveitarei o sol com
Meus caminhos à mostra?

Fragmentos Oníricos

Conceda-me a ilusão de seus sonhos,
Dela retornarei a estrela em seus pesadelos,
Aproxime seus desejos, pois com eles,
Revelarei a raiz de seus medos.

Não consegui dormir, pois não parava de
Pensar se meus anseios iriam sobressair...
Recolhido pelos sonos que, sem sentido,
Retrocederam à minha parte mais reprimida.

Escondidos, meus anseios ocultos
Vêm à luz do julgamento, quando, no travesseiro,
Descanso meu inquieto crânio,
E o humilde cerebelo, como uma avalanche,
Ao vislumbrar a ameaça adiante.

Ânsia

Envolvido pelas dobras do lençol,
Me aproximo dos perversos e variados
Desejos, entregando-me ao malfeito,
Com os braços abertos ao devaneio.
Adormeço ao som dos desejos não realizados.

Aguardando ansioso o turno da lua,
Como ondas beijando a costa,
Ao anoitecer, questiono quando surgirá
O sol, iluminando meu deserto noturno.

Anseio pelo frio, com o calor do prazer,
Mas, quando me entrego ao deleite,
Congelo-me, retornando ao zero.

Acordo! Para espiar pela janela,
Satisfazendo meu anseio noturno, pois
Quando se põe, luto contra o sono,
Luto para que, sob a coberta,
Não se abrigue meu sonho mais profundo.

Apegos

Adentro nas destrezas dos dias,
Me perco nos prazeres noturnos,
Absorto na solidão dos meus falsos risos.

As esquinas explicitam
Os traumas obtidos,
Como o mais vulgar dos sorrisos e
O mais cheio dos copos vazios.

Ao final, reconheço o apego...
O apego pelo mais triste sentido,
Como a última forma de lembrar
O que um dia foi perdido.

Querido Diário...

Páginas vazias, escritas despedaçadas,
Com lápis consertados.
No diário meu, um vazio pessoal.

Registro os dias em que escapo com vida,
Mas nego a expressão daqueles momentos
Que curam as feridas...

Me privo do prazer da risada,
Pois nela sinto o eco das lágrimas,
Afundado em meu próprio horror,
Deixo escapar risos, acolho a dor.

Averiguo que mereço mais,
Além do desprazer em viver,
E deixo escapar o doce veneno,
Quando me entrego aos momentos
Que me fazem o dia renascer.

Páginas preenchidas, escritas completas,
Com lápis renovados.
Em busca de ser, ter,
Todos os sorrisos que a vida traz.

Fecho o diário hoje, para que experimente
Um novo sol nascer, renascer.

Coração a palpitar

Almejo o olhar,
Aquele brilho que fará
Novamente meu coração pulsar.

Destrinchar meu ser e
À deriva de seu mar
Me encontrar.

Regozizar a calmaria
Quando em sua rede me deleitar.
Enfrentar céu e terra quando seu mar se agitar.
Sob o gélido luar
Com ondas fortes a arrematar,
Sob serenos dias
E o sol a desabrochar.

Caso, velhas nuvens encontrar,
Por tormentos perpassar...
Eu as farei se dissipar, como
Tempestades aos sóis tardios.

Permita-me velejar neste mar,
Lhe prometo minha vela e apenas nele desbravar.

Redenção

A chuva inclemente a cair,
As lágrimas aprisionadas,
O desespero a meu desfavor,
Perdido e abalado,
Em poucas palavras, meu passado.

Um monstro instável,
Haveria eu me tornado?
A afastar as mãos
Que ajudaram.

Mesmo longínquo
O sol renasce no horizonte
Aquecendo meus sentidos,
Dissipando os frios pensamentos,
Estes pela névoa acolhidos.
Por mágoas causadas,
Por caminhos tortuosos...
Aprendi, afinal, a mudar.

Pela dor, outrora fui moldado.
Hoje perpassa sem mágoas.
Esta muito ensinou,
Dos erros aos acertos,
Das entrelinhas às escritas,
Dos pontos inicial e final.
Me redimo, afinal.

Imperfeito

Pode parecer impossível,
Mas às vezes é necessário
Para alcançarmos um novo nível.

O amor pode ser a chama
Que acende a transformação,
O entendimento, a chave
Que abre a porta da evolução.

A necessidade nos obriga
A sair da zona de conforto,
E o incentivo nos motiva
A seguir em frente, sem suporte.

Mas não é fácil, não é simples,
A mudança pode trazer dor,
Mas é preciso ter coragem
Para buscar algo melhor.

Não precisa ser perfeito,
Nem atingir um ideal,
Basta dar um passo de cada vez,
E se esforçar em cada dia real.

Promessas Efêmeras

Em um passo após o outro,
Dos postes às ruas,
Entre esquinas e avenidas, anseio
Pelos lábios há muito foragidos.
Aos braços, a mim, prometidos.

Com dias longos,
Me esvai o sonho
Que a dois fora
Esculpido.

Entre abraços, lábios e
Afagos, vago em meus dias solitários,
Procurando pelo olhar
Que novamente fará
Meu coração pulsar.

Da partida à partilha

Regozijo estar convosco
Junto aos sóis
Na partilha de cada dia
Seja nas noites, chuvas ou nos claros dias.

Deleitar-me em cada risada
Secar cada lágrima
Perder-me no brilho do olhar
Quando vos encontro ao caminhar.

Pode parecer impossível,
Mas alcançamos outro nível.
A mudança tem sua certa dor,
Uma pequena refuta,
Mas um doce sabor.

Não lhe trarei amarguras,
Juntos enfrentaremos desafios.
O passado, as dores e receios
Serão histórias,
Não mais lhe causarão medo.

Pétalas ao Vento

Desventuras vivenciadas,
Luas inteiras sonhadas,
Ao soprar dos ventos diurnos,
Esquecidas e largadas.

Por infernos passaria
para em tuas mãos segurar-te.
Amei-te além de meu suporte.
Desprender-me-ei como pétalas
ao vento, sangrando aos espinhos
segurados.

Amei-te tanto e tão pouco
se fora explicitado,
regozijo lembranças há muito vivenciadas.
Perdi-te para em ti achar o caminho.

Alcei-me à noite, desatei-me nos dias.
Afundei-me nos invernos, encontrei-me no outono.

Para além de meus olhos, olhei o horizonte.
Forniquei-me nas tardes, pipilara nas noites.
Quietos, os sóis, há pouco ressurgem.

Pegadas na Areia

Entre paredes e anseios,
Desespero e infortúnios passeios...
Vago, como as folhas no espaço,
o espaço de nossos abraços.

No eco do silêncio, murmúrios de mar,
Entre conchas, segredos a sussurrar,
Ondas dançam ao luar a embalar
A solidão que insiste em navegar.

Entre devaneios e assombros
Persisto como o visgo,
em meus grilhões moídos.

Em seus efêmeros olhares,
a distância enuncia nossos pesares,
o tilintar das lágrimas
ecoam aos ares.

Na praia, vestígios de histórias sem fim,
Pegadas na areia contam seu caminho,
Sob um céu que abraça o oceano assim,
A solidão se dissolve, frágil enfim.

Uma Sinfonia no Vento

Em acordes que abraçam a distância,
Fluem como um rio,
Se torna a própria âncora,
Trazendo consigo a melancolia.

Nas batidas do coração, a melodia ecoa
Um hino que se espalha, emoção que voa.
Lembranças entrelaçadas na harmonia.
A música se torna a trilha sonora da história,
Dois corações unidos na mesma glória.

Ecos de amor, palavras não precisam dizer.
Sob céus vastos, onde o sol se esconde,
A música envolve, coração responde,
Notas que dançam, alma se aquece,
No abraço da canção, o amor aparece.

No murmúrio do tempo, um lamento,
Em busca do amor, o encontro esperado,
Como notas de uma sinfonia no vento,
A busca persiste, o coração apaixonado.

Suspiros do Coração

No eco do silêncio noturno,
Os suspiros do coração se entrelaçam,
Em dança efêmera, como o luar taciturno,
O amor se desvanece, enquanto nossas almas abraçam.

Entre as sombras do tempo e da saudade,
Palavras não ditas, melodias não cantadas,
O amor, uma sinfonia em sua fugacidade,
Como a brisa suave que se perde nas alvoradas.

Nos cantos do destino, entre notas dispersas,
O amor se desvanece, como versos ao vento, imerso
Na fugacidade do amor, no eterno movimento.

Carta Final

Dentre cimento e sobrado,
Adentro terras e mato
Continuo a ser capinado.

Alimento seu gado,
Dou força a seu cavalo.
Sou um mero capim
Receando ser capinado.

Noutro vejo o agrado,
Por certos jardineiros
Sou posto de lado.
Vejo-me a praga,

Ao final, a foice cumpre seu fardo.

À medida que me despeço
Deste mundo espesso
Percebo, em mero devaneio,
Pedi um recomeço.
Esqueço o momento de seu meio,
Ao final, recordo o que a mim foi real.

Retrato

Há muito passado
O dia por muitos lembrado,
O jornal revive o que na ponte foi arremessado.
Um saco, dois sacos,
Na hora seguinte o corpo encontrado,
Mais um a ser averiguado...

O culpado muito se é lembrado
se destaca, quando da vítima
não se tem mais um retrato!

Um Eco de Perdão

No labirinto obscuro, me perdi,
Nas asas turvas do vício, desmaiei.
Tropecei em sombras, deixei-me cair,
Afastei amores, vi sorrisos partir.
Nas veredas das drogas, me encontrei perdido,
A alma, aos poucos, se afundava em ruído.
Perdi-me em miragens, sonhos dissolvidos,
No vazio da adição, fui consumido.

Em cada carreira, um elo se quebrava,
No espelho, a imagem se desfazia, esvaía.
A jornada, então, tornou-se uma batalha,
O eu verdadeiro, em sombras, se escondia.

Caminhei por desfiladeiros sombrios,
Onde a esperança parecia um fio tênue.
Lutei com medos, demônios vadios,
Na busca da luz, em meio ao breu contínuo.

O que pus em jogo, a vida inteira,
Cada riso, cada sonho, o amor que era meu.
À sombra da ilusão, tudo se esgueira,
Tudo que importava, lentamente se perdeu.
Mas na jornada árdua, a força emergiu,
Das cinzas da derrota, um fogo acendeu.
Ergui-me, determinado, o olhar ressurgiu,

A redescoberta: um ser que renasceu.
Com passos firmes, reconstruí cada pedaço,
Reaprendi a sorrir, a sonhar, a ser.
Com coragem, encarei o próprio espaço,
Reconquistando a essência, pude renascer.
Àqueles que afastei, um eco de perdão,
A sombra que causei, hoje é luz em mim.

Na luta pela superação, a redenção,
A vida, enfim, recuperei, sem fim.
A jornada árdua, lições imortais deixou,
A vitória sobre a adição, um feito a celebrar.

A redescoberta, o eu que retornou,
A força que, enfim, aprendeu a brilhar.
Na sombra da dependência, há um sol a nascer.
A jornada é dura, mas a vitória reluz.

Matutos Tardios

Coibido pelo que omitido
Se tornou explícito,
Pensamentos quebrados,
Uma mente em declínio.

Ansiando pela vida,
Sonhando com a morte.
Morrendo para achar
O porquê de meu viver,
Algo ao qual se prender
Sem repreender o amor,
A doce vontade de nunca perecer.

O ardente deserto de minha mente,
Mente ao negar que tudo voltará a ser inerente,
Decrescente da dor que habita em meu consciente.

Lágrimas Efêmeras

Em meio ao ar
Um mero papel
Almejando voar.

Sinto minhas lágrimas
Revoar como um nada,
Em meio a vasta
Oscilação do mar.

Uma muda destruída,
Um solo sem água,
Um refúgio sem estrada,
Uma ida sem vinda.

.

Disparate Bordado

Sóis tardios enunciam o início.
Os gélidos olhares
acalentam nossos intentos,
O apodrecer cativo.

Proponho a morte,
A honra e a justiça são meu norte.
Ante a vasta solidão
Ergo meu exército de podridão.

Ora ferir, ora sucumbir,
Minha bandeira irei erguer.
Vejo os corvos
Sobre os corpos
A morrer.

Confinado aos grilhões
De meu atos,
Averbar-me-ei este fenecer,
Refuto os libelos,
Adiro ao fuxico.

Meu escracho infundável
Será sua crença amável,
A viseira da vitória,
O pedestal da derrota.

Sibilar de Uma Vida

Tardios e nebulosos
Como névoas ao norte,
Simplório e esquizoide
O ondular dos montes.

Desconexo e repreensivo
O sorriso,
Descolado e abrupto
Se enuncia o juízo.

Seu pipilar efêmero,
Silencioso e extenso,
Tais como,
Um tilintar tácito,
Um mar mudo
Ou
Um fêrvido calar.

Estrias de uma via,
Sem vindas nem idas.
O sibilar de uma vida.

Boa noite

Enquanto a noite murmura segredos de amor,
Cantigas ecoam nos ramos, se afiguram,
Sonhe, enquanto a lua acende o ardor.

Estrelas apagando,
Mas eu permaneço, querido
Ainda ansiando pelo seu beijo
Estou desejando...
Permanecer até o amanhecer, amando
Apenas dizendo isso

Doces sonhos
Até os raios solares encontrá-la
Doces sonhos
Que deixam todas as preocupações para trás
Mas em seus sonhos,
O que quer que eles sejam
Desnude a alma,
Dedique um sonho a mim.

Estrelas fugazes
De olhar taciturno,
Sibilam uma canção no escuro.
Sob o manto estrelado
O sussurro da noite
Atina o sonho.

"Boa noite", um suspiro em um beijo,
O abraço dizendo o que as palavras calam,
Na solidão que abraça meu peito alheio,
Sonhe, que a saudade não se acalma.

Doces sonhos,
Até os primeiros raios despertar,
Liberdade dos pesos, deixe-se levar.
Doces sonhos,
Onde quer que vagueiem,
O que quer que contenham,
Sonhe, pequenos sonhos,
Onde a mim alcançam.

Uma Ode ao Amor

Amar-te ei dos montes longínquos
Aos mares propínquos,
Dos místicos sonhos
Aos vislumbres acordares.
Amar-te-ei do finito respirar
A infinita parca.

Por ti, afundo-me como Orpheu.
Permeiar-me-ei por nove infernos
Para em tua mão me assentar.

Por ti, doce amada
Apartar-me-ei do viver,
Para em teus braços renascer.

Aventuras Urbanas

Risos distantes...
Ouço a maré, passos adiante
Começa o dia.

A máquina liga,
A agulha perfura, pronto!
Foi a primeira muda.
Cliente pede desconto, descontente.
Assíduos palpites
Do céu ao cabide.

Metrô cheio, fedido.
Permeio devaneios
Outro assalto no salto do vagão
Um grito, foi em vão.

Um jantar, um chá...
Amanhã outro dia, aventuras.

Zigue-zague

O fio persiste, íntegro.
A linha falha se mantém intacta,
A máquina com sete palmadas é ligada.

A primeira muda costurada
Maneja a vida, a agulha de sua visita.
Ata os panos, se vê aos prantos,

Libitina.

Dá linha a máquina que retira
A agulha de sua ferida.
Se faz da linha cômico,
O que em um sonho
Foi um ponto.

Punhado de Areia

Como um punhado de areia
Se esvai o que importa.
Saio pela porta, estranha silhueta,
Páginas defeituosas e capas tortas.

Amassado, jogado, ao lado
Meu retrato quebrado.
O último ponto, tortuoso.

Nas entrelinhas, linhas charmosas
Chamam atenção, demasiado vistoso.
Olhos de alazão, paixão.

Como um punhado de areia
A mãos, excesso esvai
Resta emoção.

Sonatas antigas

Correria louca, perucas poucas.
Demasiado alto, canções tinindo
Auroras que piscam, carros buzinaam.

Na rua, um agito diurno
Uma muvuca noturna.
Sonatas desalinhas

Se embalam gozos,
Um berço, todos ao entorno
Pomposas árvores, no alto
Uma estrela a brilhar
Cantigas longínquas, sinos a bailar

Histórias de natal
Começam a ecoar.

Sina de Agonia

Anseio o desconhecido, surpreso.
Me delicio com o rotineiro, monótono.
Demasiado agitado
Ao pensar no futuro resguardado,
Um passado falho,
Um presente insensato...

O presente pouco satisfaz,
O passado corrompe, paz.
No futuro almejo desejos,
Sonhos e lúdicos devaneios.

Espero o dia perfeito,
O momento certo ou
Uma hora boa.

A espera não ilude, não engana.
Procrastina minha mania,
Uma sina de agonia.

Jantar em Família

Encontro de família, noite divertida.
Coletânea de vergonhas, alma em chamas.
Lembranças aos montes, minutos de prantos.
Regozijo os momentos, aprecio a união.

Dos feriados ao domingo,
Sempre têm as piadas de tiozão.
De um pudim, um pavê ou um pão.
Duelos singelos de diversão.

Graphein, 1826

Uma máquina do tempo,
Um desejo guardado,
Uma volta a cada momento.

Em grego, nostálgico.
Uma ferida do passado,
Uma casa no imaginário,
Um lar puro.

O porto seguro armazenado
Esperando o encontro dos olhos,
Um antigo toque,
Um som memorável,
Um sabor inigualável
Um cheiro amável
Ou
Um fantasma embrulhado.

Um carrossel ilimitado.
Após o fenecer
Não se esvai todo sofrer.
Vivos, um mundo com pouco sentido.
Mortos, a imortalidade a dois passos.

Adeus?!

Será eterno este acenar,
O desvio de olhares,
A melodia em pares,
Nossos últimos pupilares?

Cintilam breves suspiros, contigo.
Afastam os afagos sonhados,
Perpetuam os tristes deixares.

Quem sabe, talvez fosse melhor...
Desde o último olhar, acabado.
Entendi, histórias têm um fim.
Não era o fim que estávamos a fim.

Enfim, tenho que continuar a seguir.
Procurarei em outros olhares, pares.
Uma nova história, sem derrota.
Um fim digno de exemplares, sem fim.
Um final jovial, leal,
Um romance real.

Como Pedra

Como pedra solta, rolo.
De riachos à beiradas,
Entre vastas enxurradas
E densas cascatas.

Rolo!

Dentre mares verdes e vermelhos,
Por gramados e pelos ares.
Com um pontada de orgulho,
Uma pedrada na alma.

Rolo!

Por entrelinhas matutinas.
Escritas noturnas e
Versos vespertinos.

Como estrelas em devaneio
Sóis lúcidos,
Luares lúdicos...

Rolo!

Ante a ponta que me resta,
Uma vida que prezo.

Rolo!

Por mais um sorriso.

Em Refuta

Pipilares propínquos,
Algazarra sem limites,
Noites sem teus olhares,
O inquieto silêncio do sofredor.

Uma ida à procura,
Uma volta sem estrutura,
Outro dia em refuta.

Teus braços longínquos
Afangam outros olhares.
Distante, meus pesares.

Uma lágrima passada,
Um presente tortuoso,
Um futuro promíscuo
Será meu destino.

Sem pressa, espero.
As pressas carrego outro
Árduo dia sem teus lábios.

Breve Suspiro

Ásperas lambeduras
Acordam meus dias.
Sina do bom dia,
O gato se espreguiça.

Nebulosa manhã.
Café, Ah, amargo prazer.
Venho a ceder,
Me deleitar a uma boa leitura.

Tardio, sol se mostra nítido.
Um alvoroço no vizinho,
Dia de domingo.
Havia esquecido, agora
Meu bolo está duro.

Recobro ao luar,
Uma bela xicara de chá,
Um breve suspiro,
Meu dia se esvai como ar.
Outra piscadela,
Acho que vou me deitar.

Sonhos a Sonhar

Livros a foliar,
Um fole ao longe ouço ecoar,
Em minhas terras, não há.
Onde vim parar?!

Pasto a visto de perto,
Em efêmera dança,
os capins a bailar.
Um suave cheiro pelo ar,
Um refúgio, enfim, paz.

Cadê meu colar, pai?
Aos pratos me encontro no chão,
caí da cama e
Com ela minha emoção.
Poxa, não sei onde foi parar.
Lhe ajudo a procurar.

Flor da Noite

Em ti, minha estrela,
Deposito minha alma.

Perder-me-ei em tuas melodias.
Em como tu enuncias, bela,
A escrita portuguesa.
Efêmero cintilar em teus lábios, sábios.
Perpetuarei encantado.

Encontrar-me-ei ao perpassar destrezas,
Abarcar demasiadas fraquezas, e
Quando em teus afagos deleitar-me,
Sibilar a graça da vida.
Dos males e agonia,
Trocar-te risos.

Ora desconhecida, ora apartada.
Alegria, um conto de fadas.
Em teus olhares hei de perder-me.
Silhueta como esta, nunca antes vista.
Afundar-me-ei em teu mar.

Flor da Noite, Jasmim Noturno.
Um arranjo inventado, arrancado
Dos sonhos nunca sonhados,
Dos romances mais aguardados,
Destrichada das vias vulgares,
Estas que permeiam meus pensares.

Sóis Gélidos

Por devaneios permeio,
Ora lúcidos, ora esquecidos
Nos confins do juízo.
Noites em prantos, gritos.

Fugazes risos,
Detento das lástimas,
Lágrimas escorridas.
Um coração perdido,
Outro poço escondido.

Desprazeres realçam,
Enquanto o prazer escapa
Ao ecoar das lembranças.

Sóis gélidos,
Um inverno demorado.
Dias desolado,
Nem um riso sai ao lado.

O riso
de quem nunca deu um sorriso,
Um coração partido.

Rosa Esperançosa

Dou-te terno
Devido regozijo, eterno.
Um amor efêmero, sadio.
Perfurar-te-ei com mil agulhas.

Delas retirarás, tu.
Nobre açoitado,
Um devaneio por todos sonhado.

Entregar-lhe-ei fugaz memórias,
Duas tiras e uma corda.
Assim, tu remendarás
Mil perfuradas
Em teu sofrido satanás.

Por fim, largar-te-ei
Num atroz poço,
Ouvirás apenas
Sibilar de lástimas.

Acalma-te, pois
Jamais uma lágrima
Será derramada.

Em teu singelo jardim,
A mil chaves guardada,
Tua rosa esperançosa.

Vultos De um Passado

Tua janela
Recobra-me memórias,
Demasiados vultos do passado.
Afáveis lembranças, agora
Deixo-as de lado.

Tua esquina
Permeia-me histórias,
Contos e afagos.
Enfim, chegá-lo-emos
a um fim.

Hei de apartar-me, logo.
Neste instante,
Distancio-me de vós.
Permeias tu
Vossos antigos líricos?!

Doravante,
Almejo estradas a frente.
Sem tu, hei de persistir,
Há de ter sonhos, a fonte.

Sapatos a Devorar

Abarcaste um novo raiar,
Como pétalas acolhem o ar?

Hei de pesar meu pensar.
Ao revoar da fugaz pétala,
Como areia a mãos,
Emoção esvai em vão.

Tu! Mísera criatura,
Vivestes em minhas entranhas?
Permeie espelhos e reflexos.
Nestes, seus gestos e
Intrínsecos movimentos.

Apartei-me de teus assombros,
Hoje, ante vós
Aceno um adeus sem voz.
Ansiando o horizonte,
O amanhã em paz.

Despedir-me-ei do passado,
Entrego-lhe um adeus conhecido, amigos.
Oh, ao amor um adeus sem retorno.

Hei de muitos sapatos devorar,
Caminhos longínquos perpassar.
Hei de deixar passar,
Estrelas mortas
Continuam a cintilar.

Então, um lar a repousar,
Vida nova começar,
Odes afáveis sibilar.
Achar-me-ei companheiros
E o mundo velejar,
Um amor hei de encontrar.

Vil Criatura

Irás tu a parca vos condenar?
Enunciará outra ode a desgraça?
Almejas vossa paz cessar?

Oh, vil criatura!

Donde surgiras
Pesadelos ou feitiços?

Cessar-te vosso desprazer,
Esta alusão ao viver.
Ah, tu condenaras vossas almas,
Ruínas e desgraças vos entregaste.

O porquê de tua ira
A vila elucidará.
Teu rastro,
Assíduo e atroz bicho,
Perpetuará.
Gerações devassas destruirá!

Oh, vil criatura!

Apartá-lo-emos e
Em gracejos recairemos!
Sacrificar-me-ei a teus regozijos.
Tu abandonarás vossa graça de
Vosso reino e almas.

Hei de jogar-me a infernos,
O amanhã não será efêmero!
Há de surgir novos sóis,
Tuas patas nada alcançaram.

Oh, vil criatura

Hei de a parca abarcar,
Tu comigo retornarás.

Vil criatura, no inferno,
Tornar-me-ei seu singelo pesadelo,
Este não será passageiro.

Cinco Minutos

Entre breves danças,
Fugazes suspiros,
O pipilar dos risos.

Me encontrará a fumar,
Uma pausa do saguão,
Demasiada festeira esta reunião.

Resguardo um suspiro,
Como árvores abaixo a bailar,
As ruas vazias a sibilar.
Levo comigo um pouco de ar,
Como a penumbra no luar,
O ardor de estrelas a pulsar.

Bebida a mãos,
Fumaça nos pulmões.
Então,
Me deleitar com a vista.

Uma escapada das conversas,
Como água para vida,
Um juízo a recobrar.
Apenas um escape... Não!

Cinco minutos e
Volto já!
Cinco minutos e
Voltarei a andar,
Inspirar e expirar.
Cinco minutos e
Voltarei a vida.

AmaDor

Por múltiplas facetas
O prazer se dispersa,
Em inúmeras vertentes,
Se apresenta.

O desprazer, na mesma ideia, introduzido
O gozo, regozijo,
Desgosto, dissabor
Por muitos, almejado.
Na falta de um,
Anseia o outro.

Na dor lhe requer certo amor,
O amor almeja a dor,
Um duelo em desfavor.

Quando Me For

Descanse meu corpo
Sob o relento de seus pensamentos,
Cada momento, Cada sofrimento...

Aparte-os ao vento
Junto as cinzas e o tormento.

Enterre seus pesares
No jardim abaixo.
Deixe este
Dar frutos amáveis.

Perdoe-me por cedo subir,
erros passados sucumbir
e poucas memórias usufruir.

Conceda-me um último pedido.
Deixe a dor, o devaneio
para outro enterro, no meu,
Um último floreio.

Vosso Lírico

Cantarolaste vosso verso, terno.
Oh! Oh! Como tu ousaste
Lembrar vosso lírico,
Hás de ter demasiada pachorra?!

Enunciar-te-ei singelo desprezo, apego.
Dias afoito, em pleno açoite.
Ventanias cintilam tuas notas ao ar,
Como folhagem a bailar,
Árvores a vibrar.
Capins em fugaz dança explicitam,
O rancor que ainda habita.

Pares teu sibilar,
Deixaste tua boca nada enunciar.
Ante a penumbra do luar,
O silêncio reinar.
Só então, minha cara,
Minhas será.

Doce Criatura

Invernos propínquos,
Sóis longínquos.
Oh! Triste sina
Baila efêmera
[Um coração desolado
Há pouco remontado].

Risos de lado, encontrados.
Um perdão renovado,
[Exceto
Quando dias chuvosos
São aproximados
[Sol permanece afastado.

Tu permeias meu pensar.

Hei de permear devaneios,
Há pouco se esvai
[Intrínsecos desejos,

Demasiado envolto!

Tu me encontras
Absorto em sutis pesadelos.

[Ao chegar do outono, dor a se dissipar,
Como o bailar de folhas no luar].

Enlear-me-ei na primavera.

Donde surgiras, doce criatura?!
Concedo-te a calma,
O coração que por ti
[Anseia,

Uma alma devota.

Vil Enleio

Alçar-te-ei fugaz estrela!
Tu beiras meu pensar.
Hei de sonhar e só então
Minhas será.

Oh! Taciturno luar,
Permeiar-te-emos ao bailar.
Em efêmera dança,
Nuvens a cortejar.
Então, ao raiar do dia
Minhas será.

Ah! Sina do desejo,
Atroz devaneio.
Pare este pipilar,
Donde sibilam poesias,
Esta ida a loucura.

Oh! Oh! Outrora almejaste a ti,
Inalcançável esfera,
Teu caminho trouxe vossa derrota.
Oh! Em vil enleio
Cerpear-te-emos mísero anseio.

Desperto, recobro este breve sonho...
Deveras lúdico
Este louco pesadelo.

Sadio Riso

Solidão! A longo não a via, velha amiga.
Olhos conhecidos não mais são vistos.
A ânsia de acabar, esta fútil vida terminar.
Ao redor, nem um riso a vista,
Um vazio quarto me aguarda.

Devero as horas com escrita e academia.
Quem sabe, quem sabe a vontade passa
e esta vida volte a regozijar.

Demasiado sadio este triste sorriso,
Não veem como tudo acabará...
Outro que deixaram passar,
Outra lápide para chorar.

Angústia, doce irmã.
Posso a você confessar?!
Passado há de me torturar,
Futuro não almejo enxergar.
Presente, eternos dias a perdurar.

Ora por amigos cerceado,
Risos desfrutado.
Ora sozinho,
Lágrimas ao meu lado.

Que esta sina do adeus
Alguém possa encontrar.
Antes de meus olhos fechar,
O último suspiro encontrar.

Assento do Coração

Tu advéns do meu devaneio,
Sonhos em eterno floreio?
Donde surgira, doce criatura?
Poderias em teus lábios deleitar,
Por teus afagos permear?

Ah! Ah! Minha cara,
Deixaste teu coração
No meu se assentar.

Permeias meu pensar
Como ondulações no mar.
Repousar-me-ei em teu olhar e
Males virão a passar,
O sol ressurgirá.

Por ti, devassa alma,
Tornar-me-ei
Teus desejos
Caso precisés,
Tudo abarco e
De tudo me livro.

Deixaste estes versos ecoar,
Esta ode te alcançar.
Em efêmera dança,
Vossos sonhos bailarem.

Um trago de tua boca roubar.
Como cinzas ao vento,
Sentir a doce brisa do amar,
Em teus braços repousar.

As estações

Na primavera,

[Amor floresce, o coração se enche de alegria,

Mas nem sempre é fácil manter acesa,
A chama que se acende em um novo dia.

No verão,

[Amor é intenso, o sol aquece os nossos corpos e almas,
às vezes, cometemos enganos].

E o amor se desfaz como a areia entre as palmas.

No outono,

[Amor se despede, folhas caem como lágrimas no chão...

Mesmo com a tristeza da partida,
O amor nunca se vai completamente em vão.

No inverno,

[Amor é como um sonho,

A neve cobre os caminhos da vida,

Mas quando temos a chance de recomeçar,

[Amor volta mais forte,

como uma chama renascida.

Eu Amei!

Eu amei!

[Senti o coração bater forte e pleno,
sorriso brotando involuntário no rosto sereno]

Nos instantes compartilhados, suavidade eu vivi,

E ali, o amor de verdade,

[Assumi.

Nos bons momentos, minha alma se sentiu viva,

[Cumplicidade, ternura, amor, uma emoção cativa

Juntos, os dias foram cheios de beleza e encanto,

[Um amor imenso, gravado no coração
como um manto]

[Minha alma dilacerada

não pôde mais suportar,

Parecia que aos poucos morria, sem se levantar,

[A dor tomou seu lugar, aprisionando meu ser,

Chorei, gemi, implorei,

buscando uma forma de renascer]

A dor me envolveu,
e ainda aperta meu peito,
Meu olhar triste e abatido, perdido

No vazio estreito, uma marca
uma cicatriz que não parece curar,
Convidando-me a permanecer sozinho,

[A lamentar...

Agora,
Ergo-me em busca
Um novo horizonte!

[Apreendi com a dor, cresci, tornei-me mais forte,
transformando-me,
renascendo como uma nova essência.

Busco um caminho de luz,
rompendo a tristeza em decadência.

Melodias do Cotidiano

Na rua onde habita, a vida floresce,
Um espetáculo de cores que entontece.
Pelos ares, alegria e doçura se espalham,
E na janela, um sorriso em teu rosto entalham.

A rua é um cenário de encantamento,
Repleta de sonhos e movimento.
A janela é um portal para o infinito,
Onde a esperança dança num ritmo bonito.

A vida pulsante ganha forma nas ruas,
E na janela, a alma se desnuda, nua.
A visita é um presente, uma sinfonia,
Que preenche os corações de melodia.

Cada passo ecoa com amor e alegria,
Na rua, a dança é a mais pura poesia.
A janela se abre para um mundo de encanto,
Onde os sonhos se encontram, num abraço tanto.

A rua onde você mora é um pedaço de céu,
E a janela é o portal para o amor mais fiel.
Observar a vida é mergulhar em plenitude,
Encontrando sentido e felicidade em cada atitude.

Assim, a rua e a janela se entrelaçam,
Criando um cenário onde os sonhos se abraçam.
A visita é cheia de vida e emoção,
Transformando o cotidiano em uma bela canção.

Melodia da Redenção

Na rua onde você habita, a melancolia reina,
Um ar de desolação percorre cada esquina.
E na janela em que você se encontra, solitário,
Observando a visita vazia, um cenário adversário.

Mas no silêncio da tristeza, um suspiro se ergue,
Um raio de esperança que o coração acolhe.
Pois mesmo na desolação, há beleza a encontrar,
Nos detalhes despercebidos, prontos para desvendar.

A rua, mesmo em sua aparente solidão,
Guarda histórias de vida em cada construção.
Nas marcas do tempo, nas paredes gastas,
Há memórias e segredos, poesia oculta nas frestas.

E a janela, ainda que vazia, é uma moldura,
Para um mundo além, cheio de ternura.
No reflexo do vidro, vislumbra-se o horizonte,
Onde novos encontros e sonhos podem surgir, afonte.

Então, permita que a tristeza se transforme em arte,
Na poesia que flui, dos versos ao bater do coração.
A rua e a janela são tela e pincel,
Crie um novo quadro, uma nova visão, afinal.

Desperte as cores adormecidas na rua fria,
E na janela, liberte a alma que anseia por alegria.
Preencha o vazio com sonhos e fantasias,
E transforme a desolação em poesia.

Entre Sonhos e Realidades

Entregar-te-ei estrelas em devaneio.
Hei de introduzir-te a luas e floeios,
Regozijar-te a sóis uniformes.

À deriva do teu mar me alçar.
Permitas tu, minha cara,
Perder-me e dele ascender.

A ti, doce criatura,
Gozos por ninguém experienciados,
Infortúnios por ti não serão alçados,
Hás de sonhar-te sonhos ternos, eternos.

Neste universo vasto de idas e vindas.
Almejo melhor te conhecer,
Para além das entrelinhas viver.

Mestra Sábia

Mestra sábia, me ensinou lições profundas.
Fez-me enxergar além das mágoas mais agudas,
Nas lágrimas derramadas, descobri minha força,
E renasci das cinzas, repleto de uma nova coragem.

Abri as asas da alma e voei para a liberdade,
Encontrei a paz perdida, em busca da felicidade.
Aprendi a me amar, sem amarras nem reservas,
Valorizando cada traço que a vida me reserva.

Nas cicatrizes que marcam meu ser com bravura,
Reside a história de superação e de uma alma pura.
Ergo-me com orgulho, vitorioso diante da adversidade,
Porque aprendi que é na dor que encontramos nossa verdade.

Amar a si mesmo, um presente precioso e raro,
Um vínculo eterno, um amor que não se desfaz no amparo.
A cada passo, fortaleço os laços com meu ser,
Celebrando a jornada, aprendendo a me reconhecer.

Que a dor seja trampolim para o crescimento interior,
Que cada ferida se torne uma lição de amor,
Renasço das sombras...
Amando a mim mesmo, na plenitude do coração.

Assim, caminho com confiança, com leveza no olhar,
Conquistando o mundo, sem medo de me arriscar,
Aprendi a valorizar cada instante e cada flor,
E no amor-próprio encontrei meu tesouro mais puro.

Um Sonho de Verão

Inverno é frio, é cinza, é escuridão
Poucas palavras descrevem sua condição.
A neve cai como um manto, tão silenciosamente,
Envolvendo a terra, num abraço frio e urgente.

E o indivíduo, mal pode esperar pelo sol,
Pois dentro dele, um anseio despertou.
Um coração pulsante, que anseia pelo calor
E a inquietude que vai, cada vez mais aumentou.

E no frio, se fortalece o medo noturno.
A solidão magnifica os pensamentos mais obscuros.
Noite após noite, um coração pesado
Esperando pelo amanhecer, que há tanto é aguardado.

Mas o sol logo vem, como um sonho de verão.
Cores quentes, por toda a natureza
E o coração e alma individuais, encontram uma nova razão,
A fim de superar a dureza, a escuridão e a frieza.

Jardim da Vida

Nas noites pensei,
Nos dias chorei,
Pelo passado ansiava,
O presente menosprezava e
Pelo futuro esperançava...

Comecei então
A fenecer lentamente...
Emergindo diferente.

O peso do passado já não me abala,
Com ele aprendi, sem repetir as falhas.
Já não espero pelo futuro, mas o planejo,
E não me desespero por algo que ainda não vejo.
Meu presente é meu único romance,
Explícito, excitante e cheio de nuances.

Aprendi a celebrar minhas ações,
Aceitar as consequências,
Não ter hesitações.

Escritas passadas, tentativas sucedidas...
Delas avistei sinas
boas e malignas.

Com páginas em branco à minha disposição,
Escrevo novas histórias
sem repetir a tradição.

Aceitei minhas noites
experimentei meus dias
Enfim, o Jardim da vida.

Término Nunca Eterno

O amor que passa por desavenças
Vai além de um céu sempre azul.
Tempestades chegam, trazem dores e crenças.

Em meio à dor,
Há sempre um norte,
A resignação do amor.

O término pode ser doloroso,
Mas nem sempre é um adeus definitivo.
Pode ser um tempo para si próprio
E um espaço para reconstruir-se.

O amor verdadeiro é mais forte
Do que as dificuldades que enfrentamos,
O amor é perseverante.
Nunca deixa as dificuldades nos separar.

O amor que supera as desavenças
Volta mais forte e saudável.
Um amor que passou pelo teste
E emergiu, curado e rejuvenescido.

Então, se o amor está passando por dificuldades
Não deixe a esperança desaparecer.
Tenha fé, persistência e amor.

O amor que voltará
Será ainda mais belo e eterno.

Sonhar

Sonhar é voar sem asas,
Caminhar sem os pés no chão,
É tocar as estrelas brilhantes,
E sentir o amor em expansão.

Sonhar é abraçar o impossível
E desafiar a realidade,
É enxergar além do visível
E encontrar a felicidade.

Os sonhos são asas da alma,
Que nos levam para além do aqui,
E nos mostram que a vida é bela,
E que tudo é possível sim.

A Beleza da Rotina

A rotina é um ciclo incessante
Que muitas vezes nos cansa,
Mas quando vemos tudo adiante,
A satisfação é bem maior que a lembrança.

A rotina pode ser monótona,
Mas é nela que a vida se molda
E nos dá as asas da liberdade,
Para aproveitar as pequenas fugas da realidade.

A rotina é um desafio constante,
Que nos torna mais fortes a cada dia,
E quando vencemos a monotonia,
Temos a chance de viver com mais intensidade.

Flor da Esperança

Entre as flores do campo,
Que se espalham ao vento,
Há uma que se destaca,
Com um brilho tão intenso.

Desafia a dor,
E em meio às adversidades,
Floresce com mais vigor.

Suas pétalas são fortes,
Como o coração de quem luta,
E sua cor é tão vibrante,
Que a tristeza se escuta.

Ela é a inspiração,
Que nos faz seguir em frente,
E nos lembra que a vida,
É um presente reluzente.

Então, que essa flor nos guie,
Em cada passo do caminho,
E que sua beleza nos inspire,
A sermos melhores sozinhos.

Que ela nos ensine a amar,
E acreditar no amanhã,
Pois a vida é uma poesia,
Que podemos escrever com fé e paixão.

Salvação

Entre as folhas do outono
Que caem lentamente ao chão,
Um coração apaixonado
Busca a sua redenção.

Em meio às sombras da noite
Que se estendem pelo ar,
Um poeta sonhador
Procura a sua inspiração.

E assim segue a vida,
Um eterno recomeço,
Onde cada passo dado
É uma chance de recomeçar.

Que as palavras desse poema
Possam tocar o seu coração,
E que a beleza da poesia
Possa ser a sua salvação.

O Abismo

A dor é um abismo sem fim,
Um vazio que nos consome por dentro,
Uma ferida que não cicatriza,
O que nos faz questionar a razão da existência.

A dor nos faz mais humanos,
Mais empáticos e mais sensíveis,
Nos ensina que a vida não é só felicidade,
Mas também tristeza, angústia e saudade.

A vida é um caminho longo e sinuoso,
Um labirinto de momentos bons e ruins,
Uma jornada que nos leva a lugares desconhecidos,
E que exige de nós coragem e determinação.

Viver

Viver é experimentar o mundo,
Sentir a brisa no rosto e o sol na pele,
Mergulhar nas águas do mar e nas profundezas do ser,
E descobrir em cada experiência a magia da existência.

Viver é se conectar com o outro,
Sorrir, abraçar e compartilhar,
Aprender com as diferenças e enriquecer a alma,
E sentir que somos todos parte de uma mesma história.

Viver é criar, sonhar e realizar,
É transformar o mundo com a nossa criatividade,
Deixar a nossa marca no universo e fazer a diferença.

Viva intensamente,
Aproveite cada momento
Afinal, a morte não é um devaneio!
Nunca perca de vista a beleza da vida,
Pois é ela que nos mostra
Que vale a pena ser vivida.

Bailar Efêmero

O sol se levanta e
Junto a ele arrumo
Minha cama...
Afago meu retorno
Dos sonhos com
Café e torrada.

Após, a ida
Pelas cinzas névoas,
O dia começa.

Ao relento das pressas,
Meus passos agitados e
O pesado clima.
Retorno a corriqueira
Ânsia do dia a dia.

Regozijo quando
Do cigarro sinto a euforia,
E os cansados passos me
Arrastam rua abaixo.

As esquinas se iluminam,
Os prédios brilham e
Dentre breves suspiros
A lua se explicita.

Retorno ao lar
Apenas com fadiga,
Pela cama procuro,
De meus sonhos usufruo
E gozo de mais um dia duro.

Somos

Somos rios que fluem,
Sem represar-se por olhares de desdém.
Cada gota da existência é um tesouro,
Um universo em si mesmo.
Aprendemos a saborear a vida,
Sugando seu tutano mais profundo,
E em cada momento vivido,
Um novo ser se ergue, revigorado e fecundo.

Somos sementes que germinam,
Em solo fértil de experiências,
Cada momento é um adubo,
Fortalecendo nossas convicções.
Não nos moldamos por quem passa,
Pois somos fortes e resilientes,
Cada desafio enfrentado,
Torna-nos melhores, seres mais conscientes.

Somos donos de nossa essência,
Capitães de nossa trajetória,
Navegando além das marés,
Em busca de nossa própria glória.
E no centro desse universo,
Nossa alma dança e se enlaça.

Somos herdeiros da imperfeição,
Mas também da constante evolução,
E em cada ciclo completado,
Uma nova versão floresce, com gratidão.

Somos humanos!
Em busca de verdadeiras mudanças,
Honrando nossa autenticidade,
Explorando nossas próprias andanças.
Sendo melhores a cada momento,
Na sábia dança do tempo e do vento,
Descobrimos a magia da vida,
A arte de evoluir, aprendendo e crescendo.

Balé Celestial

Sobrenaturais vozes entram em coro
Elevando meu ser a mais altos tesouros.
São notas celestiais, canções de amor
Que das asas de anjos, brotam com fervor.

Inspirados em quadros, são belas artes
Que em meu peito ressoam como grandes partes
De um imenso espetáculo celestial,
Transcende o humano, o racional.

O olfato é abraçado por aromas puros
Que adentram o peito, como balas de ternura
E perfumam a alma de paz e de amor
Em um entardecer, com doçura e fervor.

Gozar do paladar é uma doce realidade
Que sacia a fome do corpo e da mente, com moderação
É sentir a delicadeza da vida em união
E desfrutar de sua essência com simplicidade.

O ensaio não é necessário, já estamos todos juntos
Cantando, criando e vivendo em um mesmo contexto
Que eleva a alma e faz vibrar o coração
Com o dom da poesia, que jorra da emoção.

Que sejamos todos um, em um belo início
E que as vozes dos espíritos alados
Canções de amor e arte sejam nossos hábitos
Que inspirem vidas, em um grande ofício.

Devaneios Matinais

As entrelinhas do dia
A um devaneio se assemelham.

Propelido da cama,
Envolto nas chamas
De pé na beirada
Com pijamas e touca.

Tocaia dos loucos!
Lobos a noite anunciam.
Há alcateia nos sóis.
Nos luars o solitário,
O lunático,
O esquizo e o afetado.

Já vi

Já vi amores certos, contudo
Passageiros e sorrateiros.
Cartas tolas, toscas e banais,
Acaso não sejam,
De amor não explicitam.

Já vi amores duradouros
Que no abatedouro
Se perdem os loucos.

Já vi amores curtos, intensos
Sem tempo de queimar o incenso,
Com seu cheiro reluzente.

Já vi amores pequenos
Que acendem o pavio,
Mas curtos, logo se esvaem
Como fumaça ao vento.

Já vi amores caducos,
Sem sentido, interesseiros e
Despedaçados.
Já vi amores enterrados.

Nunca vi um amor,
Aquele amor que contamos,
Que almejamos nos contos,
Nos profundos sonhos,
O amor que crescemos ouvindo
E amadurecemos duvidando.

Finita Língua

Por minutas escritas,
Demasiados dias
E nada explicita,
Nada nesta finita língua demonstra.

O enunciar de cada batida,
Da férvida alma afetiva,
Dos gélidos dias
Ao esquivar-se da minha vista.

Não há!
Nesta ou quaisquer outras,
Uma escrita que lhe diga,
Que explique ou transmita
A chama que em meu coração habita.

Musa

O que tu fizeste comigo, devassa alma?!
Nunca! Em tamanha vivência,
Encontraste demasiada... Inspiração!

Esta que as batidas
Em meu singelo coração,
Demonstra-se tão verdadeira emoção!
Uma escrita com tanta paixão,
Um quadro sem aversão,
Um cântico de verão.

Alma dos Sonhos

Donde surgiras, doce amada?
Por onde andou
Quando o luar me cerceou?
Queres saber?! Não almejo resposta.
Contigo apenas sóis há de surgir.

Tu és impossível de encontrar,
Foras tu arrancada de meus sonhos,
devaneios e desejos?!

Amar-te-ei para além de dores e medos,
Olhares e beijos, afagos e amores...

Te abraço com a alma dos sonhos,
Nunca antes sonhados.
Onde estrelas não têm tato,
Sóis são gelados e
O luar quente a seu lado.

No sonho do sonhador,
No conto romântico,
Da exímia fábula
Onde o consciente se ausenta
E o coração reina.

Eterno Romance

Por névoas perambulei
Como um pato ao voar,
Uma rosa que baila no ar.

Sozinho andei,
Da noite usufruí e
Dentre perdições me encontrei.
Solitário? Não mais!
Quando seu sorriso... Encontrar!

Transformarei a dor e o sofrimento
Em um genuíno sentimento,
Onde as lágrimas não têm alcance,
O amor não esvanece adiante,
E os amantes em eterno romance.

Um Pacto Eterno

Meu coração! Entregá-lo-ei em tuas mãos.
Hei de pedir-te um favor, apenas.
Não o desole, quebre ou entregue aos céus.
A ti, doce criatura, estás entregue!

Amor! Ante vós és sereno, verdadeiro.
Pertencê-lo-emos, mesmo com nada eterno,
Faremos sonhos donde pesadelos desmantelam
E os desejos reinam.

Do impossível ao possível...
Torná-lo-emos até o fim dos nossos tempos,
O primeiro amor eterno!

Portinhola

Jaz aqui um corpo, uma alma!
Um túmulo em chamas,
A fria lama que acalenta a solidão,
Um último suspiro em vão.

Adeus! E se trancou a portinhola.
Donde outrora havia vida,
Hoje permeia névoa, incerteza,
Uma lua pálida sob a neblina.

Em cada janela
Sinto sua sombra, seu rosto ao longe,
As mãos estendo,
Num breve suspiro
Esvaem ao vento.

Do mundo regozijo,
Em outros braços me amparo,
De prazeres me cerco.
Permaneço incompleto...

Dos sonhos me sustento,
Ao renascer em seus abraços.

Alicerces

Em cada gota
Que do céu arrebatou o coração,
A névoa que impede a razão e
O dia nublado da emoção.

Erros do pretérito
Fazem um amor em vão,
Sonhos e futuro
escorrerem pelas mãos?

“O amor não sustenta
Ao agir eremítico,
Quando pilares ao redor
Estão destruídos.”
Um infortúnio, mas
Isto muito ouvi.

O efêmero se enleia
Nos longínquos montes,
O duradouro persiste e
nos propínquos reside.

Quando só o amor persiste,
Os sustentáculos despedaçados e
Os sonhos rasgados.

Há esperança...
A empatia que
Sintoniza duas vidas,
O respeito que cessa o julgar e
agrega valores no lugar.
Diálogo, o maior aliado.
Cumplicidade e ternura,
Um bailar em harmonia.

Ah, a confiança!
Onde falta tudo desgasta,
Quando quebra
Raramente se conserta,
O perdão revigora e

entrega a vida,
A dois se completa.

Reconstruir cada base,
Recomeçar ante ao desastre,
Fazer o dia raiar nos montes.

Sozinho o amor não se quebra,
Não impede e não se afugenta.
A dedicação a este é
Que a muitos espanta!

Apenas um grão

De olhos fechados
Atirei-me neste universo,
Donde no coração
Jazerá a mais bela canção.

Apenas um grão, fui
Ante a vasta oscilação de teu mar,
Sob as promessas de um luar.

Se te visses pelo meu olhar,
Compreenderia o quão especial és.
O tempo não cura a saudade
Que neste velho coração reside.

Querias eu ter sido o teu...
Como preces ao vento,
Vossos sonhos se esvaem ao longe.

Outrora roguei a lua tua beleza,
Ao sol a vida,
As estrelas tua alma...
Roguei aos céus o mundo.

Hoje, rogo teu retorno,
Como num sonho tolo,
Donde duas almas se conectam
Em um vida terna, bela e eterna.

Venha me avisar

Caso algo lhe recobre a mim
E a saudade enfim te alcançar,
Não deixe meramente passar e
Entre as nuvens cinzas se ausentar.

Me contorço com a pergunta,
Entre páginas e ruelas,
Avenidas e harmonias,
Se sente saudade minha.

A sua, sinto demasiada.
Não há tempo ou régua
Que descreva ou meça...
Talvez lágrimas,
Mas ao cessar destas
vejo que não,
Pois a sinto ainda mais.

Vim a velejar,
Sabe, fazer o tempo passar,
Ver se esta saudade passará.
Ainda não encontrei um lugar,
Um olhar ou passatempo
Que a tornou menos dolorida,
Que a tornou menos vivida.

Então, não se contenha e
Por favor, venha me avisar.

Caso algo lhe recobre a mim
E a saudade enfim te alcançar,
Não deixe meramente passar e
Entre as nuvens cinzas se ausentar.

Dentre erros

O dia que seu olhar se fechou e
Do meu se esquivou,
Aquele tarde que seu sorriso se foi.
Seus abraços não se enleiam
Em meus braços.

O dia em que o luar uivou,
O sol sangrou
E as estrelas...
O dia que o mundo desabou e
A galáxia chorou.

Dos sorrisos ao brilho esvaindo de seu rosto,
Assim, me tornei um pecador, entregando a dor
A quem apenas me trouxe amor.

Dentre os erros, aprendi.
Nas dores compreendi
Algo que não vivi.
Mesmo tendo me endireitado,
Não há como excluir o passado.

Recomeçar não vem apenas de um lado.
Criar novas memórias, sonhos e experiências,
Não repetir o que fora vivenciado.

Viver novos passados
Se esgueirando num futuro a seu lado,
Enquanto aprecio seus presentes amassos.

Desculpas não excluem ações ou palavras ditas,
Não me permitem retirar o que lhe faz sofrer,
Não me deixam voltar atrás, antes de acontecer,
Não impedem as lágrimas de escorrer.
Me desculpe, por tudo não desaparecer.

Irei Esperar

O amor em sua fugacidade,
Entre as estrelas do tempo e da saudade,
Permeia taciturno, pensamentos noturnos.

Outrora regozijava a clareza do luar,
Hoje, permeia dúvida
Junto à ressaca, junto ao mar.

Ainda me pego pesando dores...
Esperar por quem pode nunca voltar,
Esgueirar-me num sonho, um devaneio ou
Deixar partir uma parte que ainda vive,
Que habita neste coração ou
Aceitar a partida do amor e
Que meu esforço fora em vão?

Estou aqui, disposto a recomeçar,
Fazer dar certo e por você esperar,
Não vá!

Estou aqui, irei esperar
Até a luz da última estrela cessar!

Caso não venha a retornar,
Lhe encontrarei quando meus olhos fechar,
Nossos corações se juntarem e
No mais belo dos sonhos me afundar.

Adeus

Avisaste as estrelas,
Deixaste o amor pecar
E um coração destroçar.

Avisaste ao luar,
Pois a luz está a se ausentar,
A noite a dominar.

Me entregaste por completo,
Coração, corpo e alma,
Uma mera desavença e se fora,
Como o soprar de uma fumaça.

Me deixaste cambaleando,
Com cicatrizes sangrando e
Desfazendo sonhos.

Me quebraste pela metade,
Volte e termine de verdade,
Começaste a meu coração dilacerar,
Volte e termine de arrancar,
Termine de quebrar.

Para ti, fui
Um mero acaso sem cabimento?
Um brinquedo para seu divertimento?

Me entregaste a vida,
Num breve suspirar,
Arrancaste minha essência,
Minha ânsia, minha vontade
De perpetuar esta fútil existência.

Desta vez, hei de me guardar,
Um sincero adeus acenar.
Deixaste o sol raiar,
Inerente a dor,
O dia novamente brilhará.

Pensamentos Quebrados

Outrora a aurora do pensar,
Permeava a beleza do aceitar,
Do viver, sem nada questionar.

De uma bela vista gozar,
De fúteis prazeres regozijar,
Do ar alcançar
E oxigênio faltar.

Serão demasiados livros devorados,
Um conhecimento, por mim, não encontrado,
Um mero sim deixado de lado...
Aonde começa a dúvida que enterro,
Donde começam os pecados?

Reconheço que desconheço,
Me apego ao que entendo,
Pois nada compreendo.
Um capim nascido do
Sobrado e cimento.

Estou a me perder ou
começando a entender?

Uma mente em declínio

Mil pedaços ao chão,
Um copo ou um sermão,
Uma garrafa vazia ou trago no piso?

Um sorriso, escorre no ralo
o abismo,
A angústia do frágil,
Do quebradiço.

Estivera eu submisso,
Do certo, do pecado,
Com receio do infinito?!

Um traço tênue
E se fez meu caminho,
Não escolhido,
Traçado por olhares desconhecidos,
Com o peito aberto
Pairo meu destino,
Com desdém do último suspiro.

Esta existência que muito fascina,
Esta atroz perda,
Este confronto com a realidade
Esta ânsia pela liberdade,
Serão facetas de minha personalidade,
Este declínio será uma verdade?

Um livro velho

Permeia entre segredos e teias,
Velhas estantes à luz de velas,
Uma poltrona à janela
Donde transporta suas ideias,
Uma pena que com tinta
As transforma belas, ternas.

Estas poucas ideias que
Permeiam segredos e teias,
Apenas as leia,
Se tiver incerteza.
Não as folheie,
Estas poucas ideais,
Se já tem demasiada clareza.

Como livro velho,
Me abra com suavidade,
Cheire minhas páginas com seriedade,
Goze de cada tinta que excede,
Meu tom turvo, amassado e usado
Com seriedade.

Caso venha me ler,
Por uma ou duas páginas folhear
E apenas em sua estante me conter.

Me deixe de lado,
Me julgue pela capa gasta,
Um título sem graça.

A estante alguma pertença,
Não haverá olhos que irão me ler por inteiro,
Me compreender, mesmo após lido, pleno.

Pertenço aos óculos incertos,
Ao curioso, ao mundo vasto,
Este que não se resume a traços.
Pertenço neste mundo
E assim não me encaixo.

Pertenço no espaço do pensamento,
No olhar caduco daquele maluco,
No coração aberto do poeta.

Pertenço com minhas páginas abertas,
Não a uma estante com segredos e teias.



Teresópolis

2024